



Salvador, 02 de junho de 2022.

Pesquisa...Pesquisando¹

Érico Pereira²

Também já me submeti aos critérios e necessidades da produção científica. Já escrevi monografia e dissertação de mestrado (estou no processo de doutoramento), as quais foram submetidas a uma banca examinadora, ocasião em que ficaram sujeitas ao crivo de gente que, de sua vez e em sua época, também foi submetida a bancas, também fez monografia, dissertação e tese de doutoramento. Seja como for, de uma forma ou de outra, em uma hora ou outra, todos acabam passando pelo mesmo, digamos, périplo. E é natural que assim se dê. Por quê? Porque isso faz parte das variabilidades de ser graduando em instituições de ensino superior, as quais cobram o chamado TCC – trabalho de conclusão de curso, que pode ser uma monografia, um artigo ou outros meios com a mesma finalidade, qual seja: obter o grau de bacharelado ou equivalente.

A propósito, e a essa altura do processo, já acompanhei vários estudantes na mesma situação. Todos e todas, com o mesmo nervosismo. Todos e todas, com a mesma ansiedade. Todos e todas, com a mesma expectativa diante daquilo que por hora se afigurava como desconhecido, ou mesmo algum animal de “tremor bravo”. E as situações são várias. São várias também as dificuldades, os medos, os temores. Tantos quantos foram aqueles que precisaram passar pelo crivo de uma banca de examinadores (as), na escrita de um trabalho de final de curso, pondo-se na possibilidade ou não de serem aprovados pelas notas do processo emanadas. O estar diante de uma banca constitui espetáculo. Mãos suam, pernas tremem, vozes falham, *slides* traem em virtude da simples falta (momentânea) de habilidade para lidar com estes que já se tornaram parte do cotidiano há muito tempo. Ou pelo feroz nervosismo. A coisa não anda!

¹Texto escrito, e agora revisto, com a finalidade de colaborar com o esforço de pesquisa de alunos e alunas do componente curricular Monografia I, no semestre 2018.2, a partir da percepção deste professor do processo de construção de um texto monográfico.

² Professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), nas disciplinas Monografia I, II e Técnica de Pesquisa em Economia no curso de Ciências Econômicas. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Trabalho, Política e Sociedade (NETPS/UESB). Doutorando em Economia na Universidade Federal da Bahia. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-5262>. E-mail: erico.pereira@uesb.edu.br.

E quais são as principais dificuldades? Quais os principais medos? Quais as principais inseguranças? Quais as principais incertezas? O que tanto atrapalha, amedronta ou mesmo escorraça? Numa resposta simples, o desconhecido. O texto monográfico é um magnífico desconhecido diante do qual todas as passagens se fecham. Uma enorme parede talvez definisse melhor, das mais altas, das mais intransponíveis. Diante da frase “você precisa fazer a monografia” vem logo a expressão: “meu Deus!!” “É agora!” “O que vou fazer?” “Será que vou conseguir?”. Ao final de tudo, consegue. Talvez esse ilustre concluinte, essa ilustre concluinte, no exato momento pós-banca, esteja agora olhando para trás e dizendo: “Por que tive tanto medo?” Ainda não terá resposta. Não tenho qualquer dúvida disso. Só muito tempo depois muitos olharão para trás com a certeza de que fizeram o melhor que podiam naquele momento.

Um grande erro, asseguro com certeza, é querer, ainda na condição de quem apenas está terminando a graduação, escrever “o texto”, aquele texto, o dito texto com o qual a Ciência Econômica não continuará sendo a mesma. Quer-se, pelo que percebo, escrever uma nova teoria, talvez uma releitura de Adam Smith, ou mesmo uma reinterpretação do capitalismo e seus determinantes, tal qual fez John Maynard Keynes, quando percebeu que esse sistema econômico seria incapaz de, sozinho e por seus instrumentos pró-equilíbrio, promover pleno emprego. Não vou nem citar Karl Marx com sua obra. Não, meus caros. Não se trata disso, e não se despreza de maneira alguma tal ambição, embora se saiba que gênios da ciência aparecem somente de vez em quando. Bons alunos, esses sim, aparecem sempre, humildes, conscientes de sua força e de suas limitações; conscientes do desafio que é o meio científico. Aparecem também outros tipos de alunos.

Meus amigos: o que se quer do “monografante” é somente atender ao que está em seu projeto de pesquisa. Só. Seu objeto, seus objetivos, seu problema de pesquisa, sua justificativa, suas hipóteses (quando há), precisam estar plenamente atendidos. Somente isso. E não é preciso que seja um texto longo, ou rebuscado, ou recheado de citações às vezes grandiloquentes. Não! A ciência requer simplicidade. Precisa de simplicidade, tanto quanto seja possível ao método científico, à formação da pessoa que a exerce, ou aos conhecimentos disponíveis. Nada mais! Aquilo que você propôs a si mesmo, a curiosidade científica levantada por você precisa estar de resto atendida. E é somente isso que se exigirá de você no momento da apresentação. Os examinadores lerão seu texto, observarão sua técnica, medirão seu fôlego e interesse pela pesquisa e atribuirão nota ao seu trabalho. Paciência se sua nota não for a máxima. Mais importante que ela, é o aprendizado adquirido. E seu diploma, claro. Pois a vida continua. Em

seguida, mestrado, doutorado, e o recomeço de todo o processo. Mas a partir de degraus mais altos.

Talvez alguns mostrem o momento da pesquisa como algo superior, fruto de iluminados, de escolhidos, escondendo o fato de existirem outras formas do conhecer, a exemplo do senso comum, da filosofia, da religião etc., todas dignas dos esforços vertidos em função delas. Uma simples busca na história das grandes descobertas talvez descubra no senso comum a origem. A ciência é específica, no entanto. Exige suor, trabalho, leitura, cuidado, método, embora seja uma forma de conhecimento ao lado de outras, conforme já se disse. Segue-se um roteiro e, “*voilà*”, aqui está um texto científico como resultado. Onde está seu projeto de pesquisa, a propósito? Com que cuidado foi elaborado? Com que zelo? É a partir dele que você construirá metodicamente seu texto monográfico, dando sequência a trabalho iniciado há algum tempo, ainda em metodologia para o trabalho científico. “Não inventarás! Não rebuscarás! Não sofrerás de preguiça!” E mãos à obra.

Inegáveis os medos por que passará. Da mesma forma, a expectativa. Escrevemos pouco. Pesquisamos pouco. Nos limitamos a conhecimentos já produzidos na maior parte das vezes. Nos acostumamos a reproduzir conhecimento alheio. Conhecimento nosso, somente e quase somente no momento do TCC, quando inevitavelmente precisamos aprender a fazer “tudo ao mesmo tempo agora”. Mas é muito bom que ainda assim seja. É o nosso momento de começar. Começar de algum lugar. Por algum lugar. De alguma forma. Começar. Começar a caminhar, tal como fizemos há algum tempo, quando ainda bebês. Nesses momentos iniciais nos auxiliaram alguma babá. Os mais afoitos tomaram de si a iniciativa e se puseram a caminhar antes do tempo médio, pé ante pé. Não será diferente agora, para uns e para outros. Nos apoiaremos em “ombros de gigantes” – as referências escolhidas conforme a pesquisa, falando a partir deles, garantindo-nos a partir deles, mas criando o nosso conhecer. Assim o é.

*Recebido em: 09 de junho de 2022.
Aprovado em: 10 de outubro de 2022.*